

Ana Mariza Filipouski e Diana Marchi

MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR

Ilustrações
ELOAR GUAZZELLI



FABRÍCIO CARPINEJAR
um parafuso a mais

edelbra

SUMÁRIO



Navegue pelas páginas deste documento clicando nos símbolos » e «

SUMÁRIO

- 4** ▪ Carta ao professor

- 7** ▪ Propostas de atividades I
 - 8 ▪ Pré-leitura
 - 9 ▪ Leitura, compreensão e estudo do texto
 - 16 ▪ Pós-leitura

- 19** ▪ Propostas de atividades II
 - 20 ▪ Pré-leitura
 - 22 ▪ Leitura, compreensão e estudo do texto
 - 24 ▪ Pós-leitura

- 26** ▪ Aprofundamento

- 32** ▪ Referências complementares

- 35** ▪ Bibliografia comentada

Legenda notas



Referências complementares



Bibliografia comentada



CARTA AO PROFESSOR

CARTA AO PROFESSOR

Professores,

Este material oferece alternativas para a formação do leitor literário e sugere subsídios, orientações e propostas de atividades no âmbito do Ensino Médio, de acordo com o estabelecido na BNCC.

As atividades aqui apresentadas, subdivididas em Propostas de Atividades I e Propostas de Atividades II, são sugestões para trabalhar a obra literária dentro e fora do ambiente escolar.

Ao serem organizadas a partir da leitura de crônicas contemporâneas, privilegiam a identificação dos jovens com o que leem. O livro *Um parafuso a mais* é uma ótima porta de entrada para a literatura, pois retrata a leveza do cotidiano da infância que, quando lembrada com mais maturidade, propicia pensamentos inusitados e sensatos sobre o que foi vivido. A linguagem é muito próxima daquela com a qual os alunos possuem familiaridade: coloquial, direta, oralizada e popular. Isso atrai o interesse, provoca a atenção e, nesse caso, oportuniza transportá-los para outras relações privilegiadas pela literatura, já que a organização das crônicas constrói, no livro, uma narrativa que conduz a pensar a respeito de outro gênero, consolidando a formação de leitores e os hábitos de leitura extensiva, reforçados pelas tarefas extraclasse sugeridas ao longo das atividades.

O estilo condensado, divertido e desafiador de narrar histórias vividas na infância – situações que todos já vivemos um dia – motiva a identificação dos leitores e os desafia a ligar os fios da narrativa de uma crônica para outra, dando-lhe um caráter autobiográfico, inventado, é claro, como declara o autor na epígrafe do livro: “Esta é a minha biografia. Se eu inventei, é porque não consegui suportar a realidade” (p. 5).

Fabrcio Carpinejar, autor das crônicas, possui forte acolhimento entre jovens pela competência com que ele se aproxima deles. A conquista do público é feita pelo domínio da língua e pelo jogo de frases curtas, aliados aos temas do cotidiano que permitem a fácil identificação do leitor. Atento à diversidade da vida contemporânea, o autor é criativo, questionador e comprometido com o seu tempo, como os dados biográficos que aparecem no paratexto do livro podem constatar e como o conjunto de suas obras revela.

Nas crônicas, a cumplicidade entre contemporâneos se estabelece rapidamente na relação autor-leitor, ambos testemunhas dos mesmos fatos, parceiros da mesma temporalidade. Tal procedimento favorece que, a partir do que foi lido, cada leitor problematize o modo como vê o mundo. Isso amplia horizontes, abre perspectiva para questionar o conhecido, aguça a sensibilidade e oferece uma experiência de vida, já que a obra funciona como um

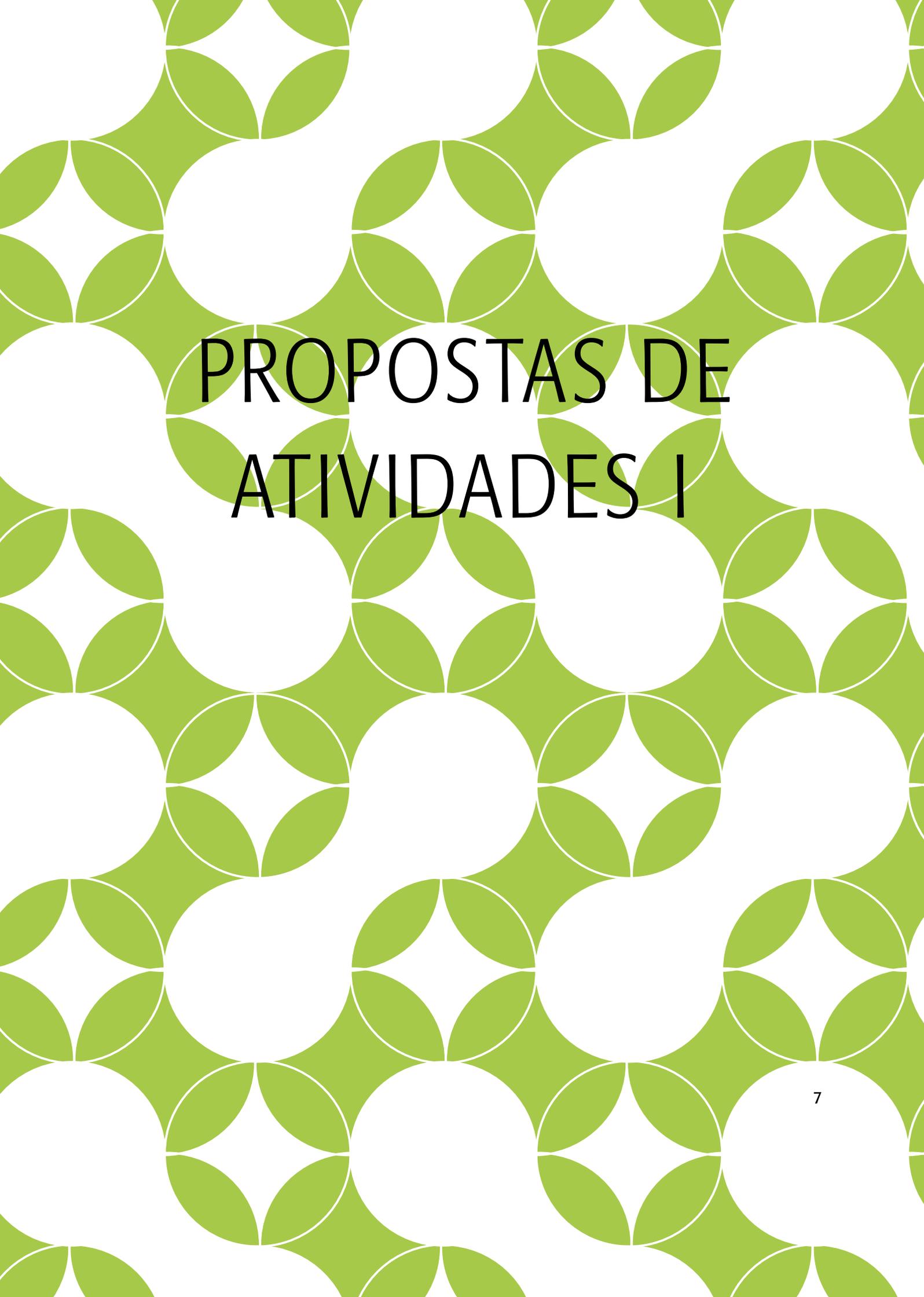
microcosmo, onde as pessoas e as relações da ficção aguçam a atenção para as relações sociais e para a sensibilidade individual.

O texto literário é sempre o ponto de partida das atividades. Na primeira parte, as orientações e propostas de atividades estão centradas no componente curricular Língua Portuguesa, alinhadas ao que propõe a BNCC para o Ensino Médio. Na segunda, há um diálogo com as demais disciplinas ou áreas, na tentativa de construir um contexto significativo, necessário para dar sentido ao estudo da literatura, especialmente considerando que ela está em permanente diálogo com outras referências, sejam de ordem cultural ou científica. Portanto, é adequado que um projeto de leitura literária possa contar com referenciais de diferentes componentes curriculares, tendo em vista a multiplicidade de sentidos que decorrem do ato de ler.

O que aqui é apresentado não deve ser tomado como “receita” ou “solução” para os problemas e para os dilemas da formação de leitores, mas tem a intenção de ser uma referência que, uma vez discutida, compreendida e ressignificada no contexto da ação docente, possa colaborar com o amadurecimento sensível dos alunos, favorecendo a proximidade com a literatura e a adoção de comportamentos mais críticos e menos preconceituosos frente ao mundo.

A intenção é oportunizar a construção de aprendizagens significativas pelo desenvolvimento de competências e habilidades que deem importância à cultura letrada na contemporaneidade, preparando os alunos para uma atuação comprometida, responsável e criativa perante a vida social.

Bom trabalho!



PROPOSTAS DE ATIVIDADES I

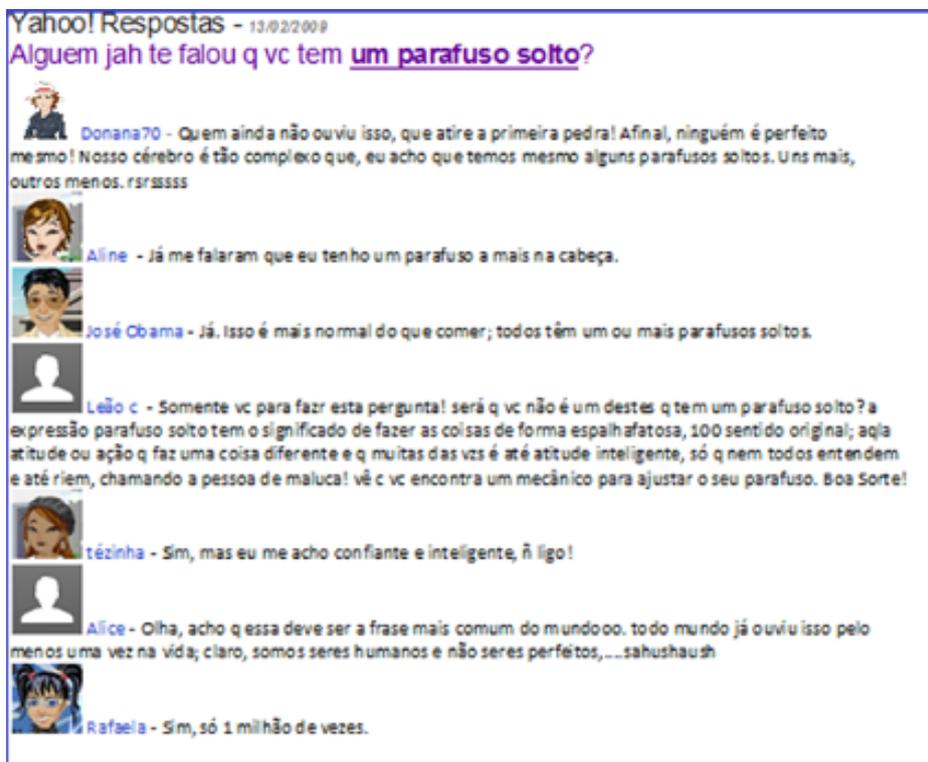
PROPOSTAS DE ATIVIDADES I

Pré-leitura

(EM13LP01) Relacionar o texto, tanto na produção como na recepção, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor previsto, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.).

Do ponto de vista das práticas contemporâneas de linguagem, ganham mais destaque, no Ensino Médio, a cultura digital, as culturas juvenis, os novos letramentos e os multiletramentos, as interações e atividades que têm lugar nas mídias e redes sociais (BNCC, p. 498). E, em se tratando de um autor multimidiático como Fabrício Carpinejar, nada melhor, para debater e despertar o interesse para a leitura do livro, do que trazer para a sala de aula um bate-papo *on-line* (Yahoo Respostas) como provocação.

Peça a ajuda dos alunos para a leitura das respostas à pergunta: “Alguém já falou que você tem um parafuso solto?”.



Revista Veja. *Fabrício Carpinejar, o poeta que virou viral com versos em guardanapos* »



Fabrício Carpinejar. Entrevista cedida a José Castello. *Jornal Rascunho* »

Yahoo Respostas é um site de perguntas e respostas criado pelo Yahoo!. Fundado em 2005, nos Estados Unidos, começou a funcionar no Brasil, em 2006. O Yahoo Respostas foi introduzido nos portais Yahoo! de diversos países, e em todos eles se baseia em um sistema de pontos.



Yahoo Respostas »

- *E pra vocês, o que significa “ter um parafuso solto”?*
- *Ou “ter um parafuso a menos”?*
- *Ou, ainda, “ter um parafuso a mais”?*
- *Já haviam pensado sobre isso? Passaram por situações como as relatadas acima?*

Assegure-se de que todos os alunos tenham tempo e espaço para refletir e comunicar suas primeiras impressões. Esteja atento, pois, dependendo do grupo, o bate-papo pode derivar para situações discriminatórias. Valorize as diferenças e mostre que a singularidade/diversidade pode fortalecer o grupo. O clima de respeito e de ajuda mútua em situações de debate, de troca de ideias, é de fundamental importância na formação dos jovens.

Antes de os alunos começarem a ler, oriente-os a observarem os elementos paratextuais (capa, contracapa, índice, citações etc.). Auxilie-os a inferir a respeito do que irão encontrar:

- *Que tipo de personagem vocês imaginam que encontrarão nesse livro?*

- *Pode ser uma história de ficção científica? O que acham?*
- *E se pensarmos no título: Um parafuso a mais?*
- *Conhecem o escritor Fabrício Carpinejar? Leram algum texto dele em livro ou na internet?*

Espera-se que a obviedade da ilustração, tanto na capa quanto na contracapa (um menino e um robô, ambos com parafusos, pregos e porcas caídos no entorno), somada ao título e à discussão anterior, direcione as inferências a questões de características pessoais, relacionadas ao comportamento humano (capacidades mentais, emocionais e sociais).

Observe que, para uma máquina funcionar bem, ela não pode ter nenhum parafuso a mais ou a menos. E os seres humanos? Conseguem “funcionar” tendo “um parafuso a mais”? Peça que um aluno leia a crônica *Um parafuso a mais* (p. 53-55) em voz alta. Depois, proponha a leitura individual extraclasse.

Leitura, compreensão e estudo do texto

- 1 (EM13LP46) Compartilhar sentidos construídos na leitura/escuta de textos literários, percebendo diferenças e eventuais tensões entre as formas pessoais e as coletivas de apreensão desses textos, para exercitar o diálogo cultural e aguçar a perspectiva crítica.

Em grande grupo, para dinamizar a troca de impressões de leitura, sugira que cada um faça um breve comentário sobre uma crônica diferente. Como os textos são bem curtos, incentive-os a abordar também questões de linguagem, atentos ao estilo do autor. Perguntas simples podem ser orientadoras das falas:

- *Sobre o que fala a crônica?*
- *O que despertou o interesse de vocês? Destaquem uma frase, um trecho que tenha chamado a atenção.*

- *A linguagem utilizada por Carpinejar impõe um ritmo à leitura. Faz com que seja lenta ou rápida, dinâmica? Por que acham que isso acontece?*
- *Há palavras desconhecidas nessa crônica? Façam uma lista e se organizem para pesquisá-las.*

Fique atento às observações dos alunos e, à medida que comunicarem suas impressões de leitura, anote no quadro os temas de cada crônica. O importante, nessa etapa, é que todos percebam que os temas estão relacionados às memórias de infância do autor.

Dependendo de sua história de leitor, os alunos poderão se dar conta de que ocorre uma fusão entre o imaginário e o real, pois o autor amplia suas experiências com representações literárias de sua própria vida. São memórias de infância, **verossímeis** na sua versão literária: ao produzir o texto, o autor recria o mundo de acordo com seus objetivos, propósitos, interesses, convicções, crenças etc. O mundo criado no texto não é, portanto, uma cópia fiel do mundo real, mas o mundo tal como é visto pelo autor a partir de determinada perspectiva, de acordo com determinadas intenções. É por isso que, quando várias pessoas descrevem um mesmo cenário, as descrições nunca são exatamente iguais; quando diversas testemunhas relatam um acontecimento, os relatos divergem uns dos outros.

Do mesmo modo, espera-se que percebam, nas crônicas, as frases curtas, a linguagem coloquial, semelhante à utilizada em uma conversa entre amigos, que resultam em um estilo econômico e dinâmico, que flui sem que haja a necessidade de recorrer ao dicionário. A observação de que o texto traz vocábulos nada eruditos, acessíveis ao leitor e participantes de seu universo lexical mais básico, não invalida a sua **literariedade**.

Com ligações semânticas pouco ou nada usuais, o autor consegue provocar o insólito e surpreender o leitor. Há muitos exemplos. Destaque alguns no quadro, a partir da retomada das crônicas.

Chame a atenção, por exemplo, para o uso de **orações coordenadas assindéticas**:

“Quando criança, errar é poesia. Quando adulto, errar é malandragem” (p. 45).

O objetivo é os alunos perceberem que uma oração não depende da outra para existir, mas elas mantêm uma ligação de sentido que impõe a leitura de ambas para a compreensão do texto na sua totalidade. As orações assindéticas, postas uma ao lado da

Verossímil – semelhante à verdade, que tem a aparência de verdadeiro. O entendimento da verossimilhança é fundamental para o estudo da literatura e das artes em geral. Entende-se por verossímil, na ordem narrativa, tudo o que está ligado ao campo das possibilidades simbólicas relativas ao homem e à história.

É possível verificar objetivamente a existência de propriedades ou características que, quando presentes em uma obra qualquer, permitem não só classificá-la como literária, como também inscrevê-la em um estilo de época. Definida pelos formalistas russos (EIKHENBAUM, 1976), a literariedade seria aquela propriedade, caracteristicamente universal do literário, que se manifestaria no particular, em cada obra literária.

As orações coordenadas são orações independentes, ou seja, não há relação sintática entre elas. As coordenadas assindéticas se caracterizam pelo período composto justaposto, ou seja, não são ligadas através de nenhum conectivo.



Boris Eikhenbaum. *A teoria do método formal.* »

outra, estão “conectadas” por uma pausa representada pela pontuação (ponto final). O leitor respira e prossegue, dando-se conta de que elas mantêm uma relação semântica de conteúdos, sem precisar de conjunção para isso.

Provoque a reflexão dos alunos examinando a construção das orações:

“Não deveria ter crescido. Porque cresci sem mudar” (p. 45).

Retome o emprego dos **porquês** e questione: há erro ou o autor utilizou, propositalmente, a forma “porque” (conjunção), que costuma ser utilizada em respostas, para explicação ou causa? Observe que são conteúdos de língua portuguesa trabalhados ao longo de todo o Ensino Fundamental, mas que devem ser recuperados ou lembrados sempre que o texto demandar.

Recomende a leitura do **paratexto**, nas páginas finais do livro do estudante. Peça que um voluntário leia em voz alta a nota biográfica do autor. Depois, oriente-os a olhar o ano de publicação da primeira edição do livro (2014) na página 2. Questione-os:

- *Por que será que o autor escreveu uma biografia aos 41 anos? Em geral, com que idade alguém escreve sua biografia? Vocês sabem?*
- *O que o autor revela sobre sua infância? E sobre a adolescência? Quais são os dilemas vivenciados por ele na vida adulta?*
- *Depois de saber um pouco sobre o autor, é possível estabelecer relação entre a biografia de Carpinejar e as crônicas de Um Parafuso a Mais? As características identificadas, a liberdade que ele buscou ao escrever as crônicas, estão vinculadas ao **contexto de produção**? Por quê?*

Estimule-os a retomarem o livro e a lerem alguma passagem que gostaram e queiram compartilhar com os colegas. Observe que, como os temas abordados nas crônicas são corriqueiros, comuns a todos os jovens, eles podem ativar lembranças dos alunos, gerando comparações com o narrador e potencializando suas falas. Lembre-se: esse é o momento em que há troca de experiências de leitura. Garanta o espaço de fala de cada um.

Sobre o contexto de produção, reforce que o autor, Fabrício Carpinejar, é gaúcho, vive em um mundo marcado pelo avanço das tecnologias de comunicação, das comunidades virtuais, da comunicação instantânea, que influenciam novas formas

Contexto histórico de produção é o conjunto de condições que envolvem o comportamento social e as escolhas do artista. Representa sua intenção comunicativa, ou seja, aquilo que deseja destacar através da produção.

de relacionamento pessoal e novas práticas culturais e artísticas. Como um sujeito do século XXI, é natural que a produção de suas crônicas esteja marcada por aspectos específicos, como a necessidade de textos diminutos, sucintos, velozes e breves.

2

(EM13LP49) Perceber as peculiaridades estruturais e estilísticas de diferentes gêneros literários (a apreensão pessoal do cotidiano nas crônicas [...], etc.) para experimentar os diferentes ângulos de apreensão do indivíduo e do mundo pela literatura.

O leitor crítico forma-se por meio da quantidade e da qualidade de leituras que faz. Sugira a leitura de obras que possam fortalecer a história de leitura dos alunos. A prática leitora torna familiar determinados estilos e temas, habilitando-os a reagirem criticamente e a exercerem uma atitude reflexiva em relação à literatura.

No Ensino Médio, consolida-se a compreensão dos **gêneros literários**, já contemplados no Ensino Fundamental, e amplia-se o repertório de gêneros, sobretudo os que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão (BNCC, p. 499).

Retome a história de leitura dos alunos e organize no quadro uma relação do que já leram e classificam como sendo do **gênero memorialista** (biográfico ou autobiográfico). Depois, faça você uma lista de obras e indique **leitura extraclasse**, estabelecendo tarefas, como um breve resumo crítico a ser disponibilizado para a turma em ambiente virtual (*Blog, Whatsapp* etc.) ou físico (ficha de leitura). Combine a melhor maneira de todos trocarem suas impressões de leitura.

Inicie, então, o estudo propriamente dito dos gêneros textuais até aqui referidos – a **biografia, a autobiografia e a crônica**. Organize a turma em pequenos grupos, com número suficiente de alunos para que possam trabalhar colaborativamente. Oriente-os:

- *Leiam o texto de apresentação do livro, assinado por Cíntia Moscovich. Por que a autora declara que o livro é uma **autobiografia**?*
- *Há elementos que aproximam o livro do gênero textual **biografia**? Quais?*

Consulte o item
Aprofundamento »

O foco é no gênero memórias (literárias): em geral, textos produzidos por escritores que dominam o ato de escrever como arte e revivem uma época por meio de suas lembranças pessoais. Narram suas memórias de um modo literário, isto é, buscando despertar emoções estéticas no leitor. Para isso, usam a língua com liberdade e beleza, preferindo o sentido figurativo das palavras, entre outras coisas.

Autobiografia é um texto em que alguém fala de si próprio, de seus sentimentos e emoções, ideias, desejos, crises do cotidiano. O autor exige um conhecimento de si próprio, como ponto de partida para fazer confidências ou confessar sentimentos mais íntimos. Implica a percepção consciente da pessoa singular que há em cada ser humano. Características gerais:

- identidade entre autor, narrador e personagem: o autor assume o papel de narrador e de personagem principal da narrativa; exprime-se na 1ª pessoa;
- narrativa retrospectiva e reveladora de uma personalidade: o narrador regressa ao passado e propõe uma síntese da sua experiência; descreve as etapas do seu desenvolvimento psicológico; reconstrói a sua história; lança um olhar neutro, crítico ou nostálgico sobre seu percurso de vida;
- ligação especial do autor ao seu leitor: o autor compromete-se a que ele próprio, o narrador, e o personagem sejam um só, e o leitor deve aceitar esse contrato; compromete-se igualmente a dizer a verdade (sujeita às traições da memória) e aceita o leitor como juiz, justificando-se pelas atitudes do passado.

- Há temas comuns às **biografias** que vocês conhecem?
- Qual a diferença entre **autobiografia** e **biografia**?

Coloque as duas palavras – biografia e autobiografia – no quadro e faça a análise a partir das inferências dos alunos. Mostre que o texto que conta a história da vida de alguém é a **biografia** (*bio* é vida, *grafia* é escrita). Esta a relata e a registra, enfatizando os principais fatos que podem ser contados em ordem cronológica ou por temas (amores, sucessos, frustrações etc.). Julgamentos de valor, expressões adjetivas que indiquem a opinião do autor a respeito das informações que apresenta, são evitados. Agregue à *biografia* o prefixo *auto* (de si próprio, por si próprio) e teremos a **autobiografia**, que nada mais é que a vida de uma pessoa relatada por ela própria e transformada em livro.

- Quem escreve um diário está se autobiografando? E quem mantém um blog?

Converse com os alunos. Muitos não se dão conta, mas quem usa o diário para anotar sua rotina está se autobiografando, embora não tenha a intenção de publicar suas anotações. Semelhante, e ao mesmo tempo distinto por conta do suporte, é o *blog*. Há pessoas que o utilizam para falar sobre seu dia a dia e disponibilizam suas anotações/impressões na rede virtual para

Os elementos constitutivos de uma narrativa memorialística (biografia ou autobiografia) envolvem a identificação dos efeitos de sentido produzidos pela marcação do tempo e a verbalização de cenas e fatos vividos; o ponto de vista e a mediação do narrador; as escolhas lexicais e o uso da linguagem; a relação com o passado real e com outros textos. Destaque elementos que possibilitem ampliar o conhecimento sobre o autor e sobre o contexto de produção, bem como o levantamento de comentário crítico sobre a(s) obra(s).

	SUGESTÃO DE ATIVIDADE EXTRACLASSE
	Narrativas memorialísticas, autobiografia: tudo é mais ou menos verdade.
	Realização de seminário: “As memórias de diferentes autores brasileiros”.
	TAREFAS PREPARATÓRIAS: 1) leitura de narrativas memorialísticas de autores brasileiros, por exemplo, <i>Menino de engenho</i> (1932), de José Lins do Rego; <i>Infância</i> (1945), de Graciliano Ramos; <i>Solo de clarineta: memórias</i> (1973), de Erico Verissimo; <i>Anarquistas, graças a Deus</i> (1979), de Zélia Gattai; <i>Quase memória</i> (1995), de Carlos Heitor Cony, para problematizar a forma como o registro da memória se processa na literatura e observar a proximidade entre o real e o ficcional; 2) identificação dos elementos constitutivos da narrativa memorialística e os efeitos de sentido que produzem (marcação do tempo e verbalização de cenas e fatos vividos; ponto de vista e mediação do narrador; escolhas lexicais e uso da linguagem; caráter subjetivo do texto memorialístico, sua relação com o passado real); 3) identificação de elementos que possibilitem ampliar o conhecimento sobre seus autores e sobre o contexto de produção.

que outros internautas possam acompanhar os seus hábitos. O próprio autor mantém *blogs* que podem ser acessados pelos alunos.

- *Observe que, no pequeno texto que abre o livro, logo após a falsa folha de rosto, está escrito que “nestas crônicas, os acontecimentos cotidianos ganham de volta a magia perdida com a chegada da vida adulta”. Como Carpinejar registra sua autobiografia?*

O autor se vale tanto da sua própria vivência/experiência como do depoimento de parentes e de outras pessoas que viveram o tempo que ele resgata. A crônica “Fora dos trilhos” (p. 71) revela a consciência do patrimônio histórico pessoal e familiar e também como as bases do seu relato de memórias foram sendo construídas. Nela, ao tratar dos brinquedos divididos com os irmãos, o autor relata os cuidados em não os danificar, em preservar as peças. Mas a mãe, desavisada, resolve doar: “O que me arreventa os nervos é a doação imprevisível do Autorama” (p. 72), “do Ferrorama, com trenzinho apitando” (p. 72). Do mesmo modo se foram as lembranças cuidadosamente guardadas, como os primeiros diários, as pastas de recortes “do Internacional, de 1975 a 1979”, a “coleção de Placar da década de 1980”. A construção do relato memorialístico se faz pela invocação do vivido, pela recomposição dos guardados na memória. Mas também pelo testemunho de outras pessoas e



Carlos Heitor Cony.
Quase memória »
Erico Verissimo. *Solo de clarineta* »
Graciliano Ramos.
Infância »
José Lins do Rego.
Menino de engenho »
Zélia Gattai. *Anarquistas, graças a Deus* »



Blog do Carpinejar
(O Globo) »
O primeiro romântico
(UOL) »
Carpinejar (Blogspot) »

objetos, mesmo quando o narrador fala de fatos nos quais esteve diretamente envolvido.

- *O registro é feito por meio de **crônicas**. O que as caracteriza?*

Auxilie os alunos a relembrem as características do gênero, estudado no Ensino Fundamental, vinculando-as ao texto lido:

- textos curtos e de linguagem simples;

- baseiam-se em fatos que aconteceram no cotidiano do narrador;
- há a exposição dos sentimentos e a reflexão sobre o que se passou;
- os personagens são comuns, sem profundidade ou descrições minuciosas;
- o tempo cronológico é determinado;
- utilizam sempre a primeira pessoa e aproximam o autor de quem lê, como em uma conversa informal, dialogando sobre fatos até mesmo íntimos com o leitor.



Carlos Drummond de Andrade. *Recalcitrante* »
 Clarice Lispector. *Medo da eternidade* »
 Fernando Sabino. *A última crônica* »
 Lourenço Diaféria. *Herói. Morto. Nós* »
 Luis Fernando Verissimo. *O analista de Bagé* »
 Rubem Braga. *Recado ao Sr. 903* »
 Vinicius de Moraes. *O exercício da crônica* »

Consulte o item **Aprofundamento** »



João Maria Mendes. *Introdução às intermedialidades* »

SUGESTÃO DE ATIVIDADE EXTRACLASSE

Para ampliar a história de leitura dos alunos, coloque no quadro sugestões de leitura de autores da literatura brasileira, importantes para a formação do leitor e para o desenvolvimento da criticidade. Oriente-os a pesquisarem na biblioteca da escola os livros disponíveis, mas também, forneça uma relação de crônicas, como as sugeridas nas referências complementares, todas disponibilizadas na internet.

- *A pergunta que não quer calar: afinal, são crônicas ou é uma autobiografia?*

Dê um tempo para que os alunos apresentem sua opinião e, depois, leve-os a concluir que as duas opções podem estar corretas. Observe que os gêneros se movimentam entre fronteiras tênues, constituídas como espaços de transição. Nessas passagens **interdiscursivas, intertextuais e intermediais**, os gêneros vão se transmutando e transformando os textos, os discursos e a linguagem que usamos para configurar a nós e ao mundo em que vivemos.

- **Interdiscursividade:** alinha-se à concepção de que um discurso traz, em sua constituição, outros discursos, é tecido por eles, seja pelos já ditos, em um dado lugar e momento histórico, seja por aqueles a serem ainda produzidos.
- **Intertextualidade:** refere-se às relações entre os textos, assim como é correto afirmar que todo texto, em maior ou menor grau, é um intertexto, e isso acontece em virtude das relações dialógicas firmadas.
- **Intermedialidade:** área de estudos onde convergem diversas interdisciplinaridades. Designa práticas comunicacionais desenvolvidas simultaneamente em, ou para, diferentes mídias, ou usando meios e dispositivos comuns a estas mídias: imprensa, rádio, cinema, televisão, internet.

Para acentuar a liberdade da literatura e a transitoriedade dos gêneros, acrescenta-se que uma biografia, ou autobiografia, pode ser escrita em qualquer gênero textual, como, por exemplo, a trilogia *Memórias inventadas*, de Manoel Barros. Nesta, a opção do autor é pelo texto poético para narrar e inventar a infância, apresentando um universo que revela o homem Manoel de Barros.



Manoel de Barros.
Memórias inventadas »

A leitura dos textos de Carpinejar, tomados individualmente, leva a crer que são crônicas. Considerados em sua totalidade, organizados tematicamente e temporalmente, podem constituir uma autobiografia literária.

As experiências, ao serem contadas, transpõem a vida para o registro da narrativa, transformam-se em textos e passam a ser reguladas pelas regras de gênero e convenções que regem esse domínio. Mais do que uma preocupação com a verdade, o autor está atento à verossimilhança e, nesse sentido, faz literatura. Ao se tornar narrativa de autor e protagonista, a biografia (ou, no caso, a autobiografia) coloca-se em um campo de renegociação e **reinvenção identitária** (CARVALHO, 2003): o narrador não coincide completamente com o personagem que protagoniza a ação, não compartilha com ele as condições de espaço e tempo. Destaque a separação entre o sujeito que narra (narrador) e o foco narrativo, mesmo que na autobiografia se trate de um foco em primeira pessoa, do tipo eu-protagonista.

Manoel de Barros inicia a publicação de sua autobiografia em 2003. A representação do universo poético a partir das imagens que evocam a memória coloca o leitor diante do trabalho com a linguagem, que confere às poesias de Manoel de Barros sua peculiaridade.

Pós-leitura



(EM13LP54) Criar obras autorais, em diferentes gêneros e mídias [...] como forma de dialogar crítica e/ou subjetivamente com o texto literário.

(EM13LP47) Participar de eventos [...] para socializar obras da própria autoria [...] e/ou interpretar obras de outros, inserindo-se nas diferentes práticas culturais de seu tempo.

A BNCC da área de Ciências Humanas prevê que, no Ensino Médio, sejam enfatizadas as aprendizagens dos alunos relativas ao desafio de dialogar com o Outro e com as novas tecnologias.

Considerando as influências das novas tecnologias no conjunto das relações sociais, é necessário assegurar aos alunos sua análise e uso consciente e crítico, observando seus objetivos circunstanciais e suas finalidades a médio e

longo prazos, suas potencialidades e seus limites na configuração do mundo contemporâneo (BNCC, p. 562).

O autor, Fabrício Carpinejar, é conhecido por usar as mídias sociais, principalmente o *microblog* Twitter, onde divulga muitos de seus pensamentos; o Instagram, com fotos, colagens, frases e a página no Facebook, na qual alguns de seus textos são divulgados em primeira mão.



Twitter: <https://twitter.com/carpinejar>

com/carpinejar

Instagram:

@fabriciocarpinejar

Facebook: www.facebook.com/carpinejar

com/carpinejar



Idilva Germano e Maria

Camila Moura. *A difusão*

das redes sociais

digitais e as novas

expressões do eu »

Paula Sibília. *O show*

do eu: a intimidade

como espetáculo »

Assim como Carpinejar – e, provavelmente, os próprios alunos –, bilhões de histórias de vida são acessadas, publicadas e acompanhadas diariamente nas plataformas digitais, como YouTube, Facebook, Instagram, TikTok, entre outras. As redes sociais viabilizaram o início de uma era de “supercompartilhamento”, em que pessoas reproduzem suas histórias *on-line*, publicam fotos pessoais, exibem-se, produzem e partilham os mais diversos conteúdos.

Leve os alunos a refletirem sobre as plataformas digitais e sobre a proliferação de **discursos de si**, especialmente considerando a superficialidade dos textos divulgados. Não necessariamente com grandes reflexões, mas com relatos de suas vidas cotidianas, de acontecimentos banais e experiências ordinárias. São autobiografias dirigidas aos outros – internautas –, que privilegiam as vivências e não a reflexão. O relatado é a própria vida no momento presente, em tempo real, que é escrito, fotografado e exposto. Os “amigos virtuais” não apenas leem e veem a vida dos outros, mas têm o poder de avaliar o conteúdo exposto, através do botão “curtir”.

Provoque o debate, inicialmente, em pequenos grupos. Depois amplie para o grande grupo, de modo que todos possam expressar sua opinião. Coloque no quadro as seguintes questões:

- *O que leva alguém a compartilhar sua história na web?*
- *Que vínculos sociais e afetivos são construídos nessa partilha?*
- *Como os sujeitos são afetados a partir dos relatos compartilhados?*
- *Qual o poder de alcance das narrativas mediadas pelo computador?*

Observe que esse espaço *on-line* é dialógico e concilia tanto uma esfera de recolhimento, no sentido de que escreve sobre si, como um direcionamento ao outro, que será o leitor da “história de vida”.

Convide-os, então, a partir das reflexões feitas, a produzirem um texto com o objetivo de publicá-lo nas mídias digitais. A primeira versão dessa produção deve ser feita extraclasse e servirá de embrião para a posterior redação pelo aluno. Peça que selecionem um tema de sua infância e registrem suas primeiras percepções no papel, ou que façam o relato de um fato de que foram testemunhas e/ou vivenciaram e que suscite uma reflexão interessante sobre suas vidas, seu cotidiano, sua realidade social.

A escrita de si configura-se como um espaço de autorrepresentação, no qual o sujeito se posiciona diante de si mesmo, como se estivesse utilizando um espelho para o seu confessor.

SUGESTÃO DE ATIVIDADE EXTRACLASSE

Realizem um exercício de atenção aos acontecimentos miúdos e diários que os envolvem, e também aos seus amigos, professores, familiares: que fatos merecem sua atenção e que você olha com mais interesse? Por que as coisas que você registrou são interessantes? São acontecimentos bombásticos? Ou são fatos bem comuns do dia a dia (como as crônicas de Carpinejar) que revelam a dinâmica das relações entre as pessoas, seu lugar no mundo, a atitude de alguém perante os outros e você? O que mais?

Selecione e escrevam no caderno um relato que foi testemunhado ou vivenciado, a fim de apresentá-lo na próxima aula.

Convide-os a escreverem uma **crônica autobiográfica** em versão multimídia (texto + imagens/ilustração). A proposta é dar vazão à criatividade, tendo como ponto de partida as crônicas e o *blog* de Carpinejar, com suas colagens/imagens.

Concluída a produção do texto, solicite que preparem uma apresentação aos colegas de classe, utilizando o PowerPoint e o Datashow.

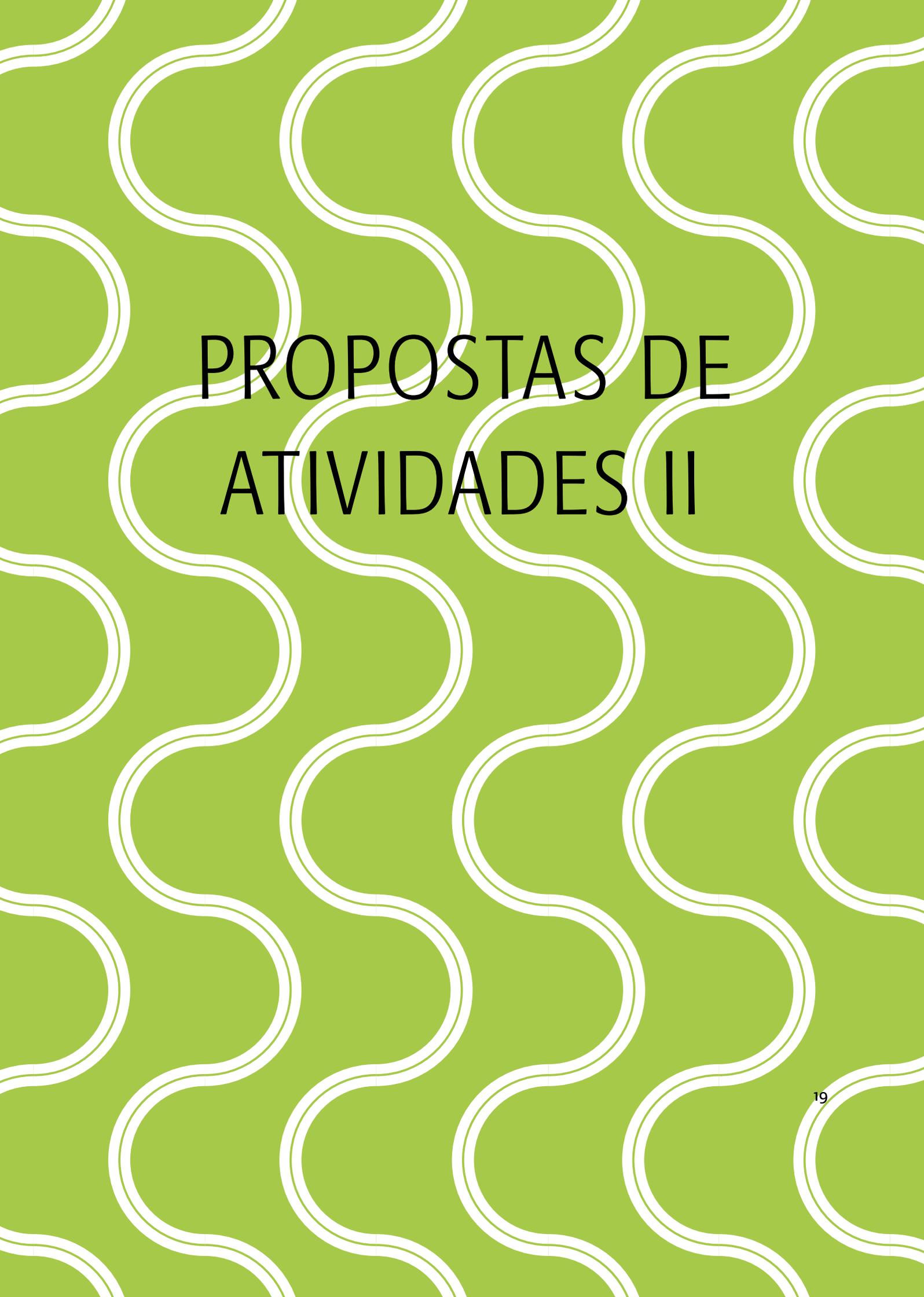
Estabeleça critérios em relação a texto, ortografia, coesão e coerência (imagem e texto), reescrita e tempo de duração de cada apresentação, delimitando a quantidade de *slides*. Depois sugira a divulgação do resultado na internet. A rede social do *Google+* permite a criação de grupos fechados – professores e alunos, por exemplo – para discussão de tópicos, podendo ser utilizada para promover debates, expor suas ideias e questionamentos.

Se não houver computadores e programas compatíveis para esse trabalho, combine de expor as produções em cartazes e, no momento da apresentação, sugira que façam a leitura dos textos.

Por que uma crônica? A crônica é um texto leve, baseado em fatos aparentemente banais, corriqueiros, que podem acontecer a qualquer pessoa. Apesar dessa leveza, é capaz de provocar reflexões profundas, pois mexe com a emoção do leitor e consegue, a partir de um fato momentâneo, instigar nele uma mudança de pensamento ou de atitude diante da vida.



UNIVERSIA BR. Professor: confira 9 sites úteis para seus alunos »



PROPOSTAS DE ATIVIDADES II

PROPOSTAS DE ATIVIDADES II

A interdisciplinaridade é recurso que favorece conexões entre os conhecimentos por meio de relações de *complementaridade*, *convergência* e *divergência*. O objetivo é tornar a aprendizagem significativa para os alunos pela integração das áreas, uma vez que o mundo e seus problemas raramente são apenas disciplinares.

Para realizar a discussão sobre o **conceito de memória**, iniciado na leitura do livro *Um parafuso a mais*, e estimular a compreensão da memória como algo que vai muito além da mera capacidade de lembrar fatos passados, a parceria e os conhecimentos do componente curricular História são fundamentais, embora esta seja uma discussão que envolva muitas áreas do conhecimento.

As atividades foram desenvolvidas a partir da questão:

“Como a apropriação do conceito de memória pode ajudar o aluno a perceber-se enquanto sujeito da história?”.

O objetivo é, a partir da leitura das crônicas de Carpinejar, em especial a crônica “Tempero” (p. 25-28), levar os alunos a refletirem acerca de sua própria vida e se perceberem como sujeitos da história. Para que se deem conta de que sua história de vida está entrelaçada às de outras pessoas, no tempo e no espaço, desenvolvendo o conceito de alteridade.

Pré-leitura



(EM13CHS502) Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.

É importante o desenvolvimento da percepção de que a história de vida não é algo puramente individual, mas que nossas vivências estão entrelaçadas na vida de outras pessoas e somos influenciados pelos discursos circulantes na sociedade.

Retome a leitura das crônicas (ou faça a seleção de algumas que achar mais apropriadas) para que os alunos percebam como a vida do narrador-personagem está relacionada à vida dos pais, avós, colegas, irmãos.



As sugestões foram adaptadas do material *Direito ao passado: memória, justiça e ensino de História*, desenvolvido pelos professores Carmem Zeli de Vargas Gil e Nilton Mullet Pereira »



Margareth Rago et al. (Orgs). *Narrar o passado, repensar a história* »

Por exemplo, a crônica “1, 2, 3 e já!” (p. 37) traz como tema o pudor em “fazer o assunto fora de casa”, “evitando cocô em locais públicos”. Para ele, um assunto seriíssimo, que o acompanhou ao longo da vida, somente superado quando adulto. Observe que uma atividade da vida íntima do narrador passa pelas relações – e pressões – dos irmãos, dos pais e, também, traz referências às instalações sanitárias e à empresa **Borregaard**, famosa fábrica de celulose que poluía a atmosfera de Porto Alegre. Um fragmento da história da vida privada, tematizada na crônica, possibilita ao leitor atento contextualizar no tempo e no espaço o ocorrido, além de problematizar as mudanças sociais/ambientais decorrentes da instalação de uma fábrica às margens do Guaíba, que abastece de água a capital gaúcha.

Incentive os alunos a também partilharem suas vivências, contribuindo para promover uma aproximação com o conceito de alteridade. O interesse pelo “outro” favorece uma espécie de descentramento, possibilitando desconstruir a ideia da história feita exclusivamente pelos chamados “grandes homens”, “a história dos outros”. Reforce que todos fazemos parte da história, que não é privilégio de um setor específico da sociedade. Mulheres e homens comuns necessitam ser entendidos como partícipes e construtores das histórias que vivenciam.

Essas memórias coletivas circulam como saberes da história pública ao alcance das pessoas em geral, ou que circulam publicamente em espaços que têm a função de guardá-los e reproduzi-los. O saber da “história pública se manifesta em múltiplos meios de comunicação e em diferentes linguagens e suportes, sem ser produzida, necessariamente, por historiadores de ofício” (SILVA, 2013, p. 15-16).

Para as atividades aqui propostas, o foco são os saberes públicos não escolares que circulam como memória coletiva na comunidade, e que seus membros têm acesso por meio de diferentes formas, suportes ou linguagens.

“Em março de 1969, quando foi anunciada a construção da terceira maior indústria de celulose do mundo no município de Guaíba/RS, os gaúchos exultaram com a promessa de empregos e desenvolvimento. O encantamento era tamanho que o governo brasileiro concedeu a Ordem do Cruzeiro do Sul a um dos diretores da companhia norueguesa Borregaard. Três anos depois, quando a fábrica entrou em operação, sua chaminé passou a exalar um odor tão forte de ovo podre, que chegava a provocar mal-estar e dores de cabeça. A população não sabia, mas o empreendimento nem sequer contava com alvará, e sua instalação à margem do Guaíba contrariava um parecer técnico que previra danos ao ambiente.” Fonte: Borregaard, fábrica de mau cheiro. GZH Especiais. Disponível em: <http://bit.ly/3upkoOx>. Acesso em: 23 fev. 2021.



Marcos Antônio
Silva. *História: que
ensino é esse?* »

Nilton Mullet Pereira.
*Ensinar história
[entre]laçando futuros* »

Leitura, compreensão e estudo do texto

1

COMPETÊNCIA ESPECÍFICA 1 – CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica.

Retome com os alunos a leitura da crônica “Tempero” (p. 25). O texto apresenta as lembranças do narrador-protagonista quando criança, depois dos cinco anos de idade: “Não me recordo precisamente de minha infância até os cinco anos”. Mas as lembranças das férias na casa dos avós, em “Guaporé, cidade a 200 km de Porto Alegre”, a convivência com os irmãos, Carla, Rodrigo e Miguel, e a importância disso para a formação da sua personalidade são fortemente marcadas no texto.

Exiba o curta-metragem *Dona Cristina perdeu a memória* (Ana Luiza Azevedo, 2002) ou use o roteiro completo. O curta mantém relação temática com o livro de Carpinejar, possibilitando ver as semelhanças e diferenças entre as lembranças de infância do protagonista do livro e a preocupação em “manter a memória” dos personagens do filme.

Proponha um debate considerando a crônica e o curta:

- *Como a questão da velhice na sociedade é abordada?*
- *O que isso tem a ver com o sistema econômico em que estamos inseridos?*
- *O valor de uma pessoa limita-se à possibilidade de inserção no mundo do trabalho? Sempre foi assim?*

Para essa discussão, encaminhe os alunos, em pequenos grupos, a uma pesquisa a respeito do papel do idoso nas sociedades capitalistas e sobre o modelo de sociedade dos povos orientais. Consulte a bibliografia complementar que se encontra ao final deste material.

O curta-metragem apresenta possibilidade de desenvolver o conceito de memória a partir da protagonista, uma



Dona Cristina perdeu a memória (filme) »
Dona Cristina perdeu a memória (roteiro) »
Escritores da liberdade (filme) »

O idoso da contemporaneidade reflete olhares e perspectivas de análise social que estão pautadas dentro da categoria trabalho. A ideia predominante é que por meio do trabalho o homem se torna sujeito social, contribuindo para a construção da sociedade e de si próprio. Sendo assim, o idoso não é mais parte integrante da lógica trabalho e produção, pois ele não está mais ativo na geração de mais-valia ao capitalista, já que alcançou uma idade considerada improdutivo. Já não pertence ao grupo de trabalhadores ativos nem ao chamado exército de reserva.



Michelly Oliveira, Marla
Fernandes, Rosana
Carvalho. *O papel do idoso
na sociedade capitalista
contemporânea: uma
tentativa de análise* »

senhora que havia “perdido a memória”. Entretanto, aos poucos, à medida que se constroem laços de afetividade com o menino, ela começa a se lembrar de momentos de sua vida.

As narrativas do livro e o filme têm como foco as “memórias materiais”, que servem como provocadoras para que outras memórias se transformem em lembranças.

Em pequenos grupos, peça que os alunos façam um levantamento de objetos que possam ser classificados como “memórias materiais”, colocando, ao lado, quais lembranças são despertadas por eles. Depois, no grande grupo, oportunize a troca dos achados.

Esses “pequenos objetos” constituem um **patrimônio** que pode ser individual, do sujeito, mas também coletivo – da família, comunidade, cidade ou país. O patrimônio histórico, pensando assim, não parece mais distante e monumentalizado apenas em lugares especialmente pensados para ele, mas próximo e integrado por objetos do cotidiano acessíveis a qualquer pessoa, vivendo num tempo e em uma sociedade (CHUVA, 2012. p. 11).

Antes do capitalismo, é possível observar a importância que era dada às pessoas mais velhas, pois, em torno delas, centralizavam-se as decisões, as lideranças, o aconselhamento mediante a grande experiência de vida. Ainda hoje, os povos orientais têm por tradição cuidar bem de seus idosos. Os mais velhos são considerados e reverenciados pelos mais novos, resultado de uma educação milenar que prega o respeito. Entretanto, no novo modelo econômico, essa importância vem mudando, permeada pela inserção do homem no mercado de trabalho assalariado.



Márcia Chuva (Org.).
*História e patrimônio: entre
o risco e o traço, a trama* »

- 2 (EM13CHS504) Analisar e avaliar os impasses ético-políticos decorrentes das transformações culturais, sociais, históricas, científicas e tecnológicas no mundo contemporâneo e seus desdobramentos nas atitudes e nos valores de indivíduos, grupos sociais, sociedades e culturas.

As crônicas do livro de Carpinejar revelam a proximidade com os avós através das memórias de infância, como em “Avisar-me do começo” (p. 13), “Tempero” (p. 25) ou “Quando comecei a andar” (p. 31). Inspirados na leitura, proponha que os alunos busquem maior aproximação com seus avós ou pessoas mais velhas da comunidade em que a escola se insere. Os velhos são verdadeiros guardiões da memória, e o contato intergeracional possibilita percepções de tempos passados.

Organize uma roda de conversa, contando com a presença dos alunos e de seus avós (ou

membros mais velhos da comunidade). Através desse tipo de trabalho, os jovens costumam perceber que muitas questões, sociais ou de foro íntimo, que comumente os angustiam, já foram vividas por pessoas em outros tempos, talvez com outras nuances, especialmente em relação à cidade, ao bairro.

Oriente os alunos a elaborarem um roteiro de perguntas. Não precisa ser algo fechado em si mesmo, pois orientará os rumos da conversa. Sugira que o foco seja a comunidade, o bairro, a cidade, incentivando-os a querer saber mais sobre

quando os próprios alunos assumem a autoria das produções: como autores dos vídeos, além de participar de um momento lúdico, organizam-se em grupos colaborativos, exercitam o espírito de equipe, planejam suas ações, esquematizam, pesquisam, levantam hipóteses, analisam, discutem ideias, chegando a conclusões, além de socializar sua produção e posterior publicação.

Para essa etapa, busque parceria com o responsável pela informática na sua escola. Os alunos serão orientados a fazer a edição de um vídeo simples no editor que a escola dispuser, aprendendo como inserir imagens, cortar pedaços de vídeos através do próprio programa, fazer narração, escrever nos slides e animar seus textos e imagens.

Orientações para os alunos:

- *Dentre os temas discutidos e pesquisados, escolham um para focar em seu vídeo;*
- *A partir da pesquisa e das entrevistas, apresentem as ideias centrais e as evidências levantadas em uma narrativa clara e concisa, com frases curtas;*
- *Verifiquem se o material pesquisado, somado às entrevistas, é suficiente;*
- *Esbocem o vídeo no papel, elaborando um pré-projeto;*
- *Planejem como será feito quando, onde, como?*
- *Escolham os elementos que comporão a produção (imagens, partes de filmes, música, entrevistas, animação, infográfico etc.).*
- *Para cada trecho do texto, identifiquem possibilidades de tratamento visual, pesquisem as imagens necessárias etc.*

Para finalização das atividades, realize um encontro de apresentação dos materiais audiovisuais produzidos pelos grupos participantes, incentivando o diálogo sobre a experiência de leitura das crônicas, da roda de conversa, da pesquisa etc. A ideia é que os alunos, através desse trabalho, possam dar-se conta das histórias e memórias recontadas, de quais foram desconstruídas e/ou ressignificadas e como cada um conectou sua história pessoal à história e memória daquele território.

A avaliação pode ser realizada de forma continuada, desde a proposta de intervenção até o fechamento das atividades, com a exposição e debate dos materiais produzidos, para valorizar e evidenciar a autonomia, responsabilidade e colaboração ao longo de todo o processo. Os alunos podem ser orientados a realizar uma autoavaliação quanto ao seu empenho na realização das atividades, pontuando os pontos positivos e os que devem melhorar.



APROFUNDA- MENTO

APROFUNDAMENTO

Princípio estruturante e conceitos da literatura no Ensino Médio

O aprofundamento dos estudos de literatura no Ensino Médio, conforme estabelece a BNCC, pode ser realizado a partir de princípios e conceitos que investem na compreensão dinâmica das convenções literárias; auxiliam no exercício da leitura crítica, criativa e propositiva; possibilitam explorar a potencialidade da linguagem literária; e também fornecem subsídios para articular a obra com outras produções (literárias ou não).

Centralidade do texto literário

Nas aulas de Língua Portuguesa, o texto, especialmente o literário, deve ser o centro das práticas de leitura e de produção. A partir da leitura literária, é possível desafiar os alunos para produzirem discussões que ampliem o conhecimento de mundo, explorem questões relacionadas ao país e aos seus habitantes em sua diversidade e favoreçam a aquisição de novos saberes. A leitura também oportuniza a observação dos usos que produtor e leitor fazem da língua, o que contribui para a compreensão de que a literatura é representativa de cultura, sendo capaz de:

“[...] levar os estudantes a ampliar seu repertório de leituras e selecionar obras significativas para si, conseguindo apreender os níveis de leitura presentes nos textos e os discursos subjacentes de seus autores. [...] A prática da leitura literária, assim como de outras linguagens, deve ser capaz também de resgatar a historicidade dos textos: produção, circulação e recepção das obras literárias, em um entrecruzamento de diálogos (entre obras, leitores, tempos históricos) e em seus movimentos de manutenção da tradição e de ruptura, suas tensões entre códigos estéticos e seus modos de apreensão da realidade” (BNCC, p. 523).

Nesse sentido, a partir da leitura do texto, os alunos são provocados a exercitar um diálogo capaz de proporcionar o aguçamento da perspectiva crítica e a problematização das formas de convivência e dos interesses a respeito da cultura. Na Atividade I, é problematizada a noção de gênero e ampliada a noção de linguagem literária, explorando os significados possíveis por trás do estilo econômico e sintético do autor. Ainda na Atividade I, é oportunizada a aproximação temática com outros gêneros não literários, ligados à cultura digital, às culturas juvenis. Na Atividade II, a leitura das crônicas viabiliza a articulação da literatura com o componente curricular História, levando os alunos

a refletirem acerca de sua própria vida e se perceberem como sujeitos da história, dando-se conta de que sua trajetória de vida está entrelaçada às de outras pessoas, no tempo e no espaço, desenvolvendo o conceito de alteridade.

Tradição e ruptura

A experiência de ler observando se a obra confirma ou rompe a tradição literária desenvolve habilidades para estabelecer relações, destacar o que as obras são capazes de dizer para um leitor na atualidade, mas também legitimar leituras realizadas em outros tempos ou espaços. Essa aprendizagem possibilita inferir a respeito de características comuns e mudanças nos gêneros, relacionadas ao tempo de produção e atualizadas pela leitura.

Nesse contexto, tradição e ruptura podem ser vistas como conceitos opostos e complementares, já que indicam a sucessão dos movimentos literários e podem dar consistência a manifestações de vanguarda e suas causas. Observá-las como atitude pedagógica mantém a centralidade no texto e o reconhece como depositário da memória coletiva, difusor de bens simbólicos socialmente valorizados.

Assim, pelo diálogo que a obra estabelece com seu tempo de produção, é possível pensar a tradição como patrimônio, “mas também por possibilitar a apreensão do imaginário e das formas de sensibilidade de uma determinada época, de suas formas poéticas e das formas de organização social e cultural” (BNCC, p. 523). Fundamentando, assim, a presença de traços renovadores.

Esses conceitos permitem o estreitamento de relações da literatura com outras áreas, como a de Ciências Humanas, e proporcionam o uso de conhecimentos de disciplinas distintas em uma mesma solução, indicando uma visão interdisciplinar. Ao mesmo tempo, a obra valoriza a leitura no momento em que ela se faz, considerando a interação possível com as demais leituras executadas

pelo aluno, literárias ou não. A leitura do livro *Um parafuso a mais* é bastante ilustrativa, pois o conceito de *tradição e ruptura* é a base do gênero crônica ao longo da história da literatura. No livro, o gênero ganha uma nova dimensão: a possibilidade de leitura como uma autobiografia.

Hibridismo e mutabilidade

Derivações diretas do par acima referido, misturas e mudanças vão se tornando mais consistentes à medida que o leitor amplia o repertório, possibilitando a percepção de rupturas ou continuidades a cada nova leitura.

Ao considerar os gêneros literários, por exemplo, a partir de relação com a série histórica, essas noções indicam que, através dos tempos, eles podem se modificar, conforme motivações do contexto, formas de circulação, intencionalidade do produtor ou finalidade da comunicação com o leitor.

É tarefa do ensino da literatura no Ensino Médio instrumentalizar os alunos para a construção de aprendizagens que os auxiliem a perceber a repetição. Assim como os movimentos disruptivos, que misturam traços característicos, abalam certezas e podem abrir perspectiva para considerar o novo, o não esperado, que provoca estranhamento.

Nesse contexto, a própria classificação do gênero crônica pode ser vista como um conceito que muda através dos tempos, ainda que mantenha sua raiz narrativa, como a Atividade I pretende mostrar, ampliando, inclusive, a compreensão desse gênero através de leituras extensivas indicadas nas tarefas extraclasse. A noção de hibridismo e mutabilidade está na gênese do gênero crônica, vinculada aos seus suportes: jornal e revista, daí ser chamada de “gênero jornalístico”; ou livro, quando tende a permanecer no tempo e ser conhecida como “crônica literária” e, contemporaneamente, ter a possibilidade de migrar para as mídias sociais.

Estranhamento

O conceito de “estranhamento” tem sido relacionado à própria condição da arte/literatura contemporânea e corresponde a uma forma singular de ver e apreender o mundo e tudo que o constitui.

A literatura pode provocar estranhamento a partir da *linguagem*, ao torná-la opaca; a partir do conteúdo, ao desafiar e transformar ideias preconcebidas sobre o mundo; a partir das estruturas formais, ao problematizar convenções e renová-las, introduzindo modos de expressão capazes de problematizar a literariedade da obra.

Pelo estranhamento, a arte/literatura dá a conhecer o mundo como sensação e não como reconhecimento, já que predominam um processo de singularização e um modo incomum de perceber o mundo. Estes são aspectos capazes de alargar o horizonte do leitor e dar a compreender outras formas de ver, só tornadas possíveis pelo olhar estético.

Especialmente no Ensino Médio, convém oferecer variadas oportunidades de ler literatura, priorizando o contato com obras que problematizam a linguagem, o conteúdo ou as estruturas formais, como proposto nas leituras extraclasse ao longo das atividades.

Nesse sentido, a literatura corresponde à educação da sensibilidade, uma área de conhecimento tão importante quanto a científica, pois se reporta à humanização das pessoas, ao exercício da reflexão, ao senso de beleza, à complexidade do mundo e daqueles que o habitam. Em *Um parafuso a mais*, a linguagem, com vocabulário simples, causa estranhamento e surpreende o leitor: “Quando criança, errar é poesia. Quando adulto, errar é malandragem” (p. 45). Além de acentuar sua literariedade com ligações semânticas pouco ou nada usuais. Com isso, amplia a habilidade leitora e convoca o leitor a sair do lugar-comum.

Intertextualidade

Decorrente da relação entre textos e do reconhecimento de que todo texto é um mosaico de citações,

a intertextualidade, a um só tempo, proporciona a renovação e o diálogo com o que já existe.

Para ser percebida, é preciso que o leitor posua competências mais complexas de leitura e lance mão de sua história pessoal de leitor, para atribuir sentido à novidade com a qual se depara. Um texto não é autônomo, é produzido em um determinado contexto e materializa sua significação com a participação ativa do leitor. Isso ocorre nas crônicas de Carpinejar na medida em que os temas abordados são corriqueiros, comuns a todos os jovens, ativam lembranças, geram comparações, como a paixão pela professora primária, tema da crônica “Nossa Senhora dos Navegantes” (p. 17), só compreendida porque o leitor compartilha do mesmo contexto. Assim, a intertextualidade pode ocorrer tanto na produção como, aqui, na recepção dos textos, compondo uma grande teia de relações de base cultural da qual muitos participam.

Para aprofundar esse conceito, é possível propor e atualizar abordagens temáticas, aproximar diferentes linguagens ou fazer releituras, destacando textos que dialogam com outros textos. Isso dá fundamento a muitas relações e consolida a formação literária, já que favorece que os estudantes se apropriem da experiência estética, fruindo-a e contrapondo-a a outros tipos de discurso ou de textos. Coloca-os também a conversar entre si, como por exemplo na tarefa extraclasse sugerida na Atividade I – pós-leitura, ou na visualização do curta metragem *D. Cristina perdeu a memória*, na audição da música *Minha Vida*, ou no filme *Escritores da liberdade*.

Gêneros literários

Correspondem a estruturas de referência, das quais as obras são variantes, seja por sua constituição histórica, seja pela caracterização teórica.

O conceito é bastante discutido e dado como provisório, mas tem força pedagógica, por oferecer um quadro articulado a partir do qual essa questão pode ser aprofundada.

A consideração de gêneros favorece tanto o apuramento da competência leitora quanto a melhor compreensão do modo como uma produção artística estabelece coerência interna com o mundo que cria. Oportuniza maior ou menor verossimilhança, daí serem os gêneros considerados como pano de fundo ao ensinar literatura.

São três os gêneros literários e todos possuem subdivisões, tipos ou espécies:

- **Gênero dramático** – O drama é um texto escrito para se tornar espetáculo e sua natureza traz a marca da ligação com uma forma de circulação prevista. Por exemplo, as rubricas (indicações que orientam a respeito da execução de um trecho musical, de mudanças de cenário, gestos, falas etc.) existem em função do espetáculo e determinam o espaço, o tempo, a caracterização de personagens, o desenvolvimento da ação. A ação é, igualmente, sempre desenvolvida a partir do discurso direto entre os personagens. Esses aspectos têm efeitos para a circulação social do texto teatral no suporte livro, já que não se pode ignorar que constituem uma produção com outra finalidade de leitura.
- **Gênero narrativo** – As narrativas se apresentam por meio de espécies ficcionais predominantes na vida contemporânea: o romance, a novela, o conto, a crônica, entre outras. Alguns aspectos constitutivos do gênero (narrador e ponto de vista, enredo, personagens, tempo, espaço/ambiente) são característicos da ficção narrativa e concretizam um processo de representação dinâmico que dá conta de dois planos fundamentais, relacionados à história e ao discurso que a narra. Conhecer aspectos estruturais da narrativa pode ser recurso para analisar textos e habilitar o leitor a compreender os modos como a obra se relaciona com seu contexto de produção, por exemplo.

- **Gênero lírico** – Na lírica, em geral, a subjetividade é traço marcante. A emoção predomina diante das demais intenções comunicativas é apreendida pelos sentidos, como a musicalidade (estrato fônico/estratégias musicais); a ocupação particular no espaço da página (estrato gráfico/estratégias visuais); o valor das palavras e as figuras de linguagem, que indicam visão de mundo e emoções do eu lírico (estrato semântico/construção de imagens poéticas); a linguagem do texto (estrato lexicalexcolha das palavras); e a liberdade em relação à construção sintática (estrato sintático/estrutura da frase). Quando aprende a perceber os estratos, o leitor pode valorizar o gênero lírico como ato comunicativo e agir criticamente em relação à leitura de poemas.

Além de instrumentalizadores da qualidade da leitura, os conceitos e princípios antes enumerados possibilitam compreender a literatura como expressão de competência comunicativa, já que ela se constitui pelo recurso ao código linguístico (adequado a usos, finalidade, papel dos interlocutores e características da situação); e como competência sociointerativa (que trata de comportamentos, oferece visões peculiares do mundo, focaliza percepções da existência humana e das relações sociais). Logo, quanto mais os estudantes forem orientados a partir deles na abordagem literária, mais críticos e mais aptos a reconhecer os efeitos estéticos de um texto serão, e mais facilmente interagirão com textos que existem em relação a um contexto.

A leitura literária pode proporcionar que o leitor compreenda melhor o ser humano, o mundo e, por extensão, a si mesmo. Como indica a BNCC (p. 503), ler inclui também “a função de produzir certos níveis de reconhecimento, empatia e solidariedade envolve reinventar, questionar e descobrir-se”. Daí ser preciso tratar de elementos que habilitem os alunos a:

- interpretar a obra literária a partir do contexto de produção (autor e obra);
- (re)conhecer o mundo de ficção criado;
- observar a estrutura dos textos, identificando gêneros e suas principais manifestações e modificações;
- perceber como se constrói o texto literário: posição do narrador ou do eu-lírico e os efeitos de sentido decorrentes das descrições, jogos temporais, inclusão da voz dos personagens, pressuposição de leitor etc.;
- questionar e enriquecer o próprio mundo a partir dos efeitos que a obra produz sobre o leitor;
- apreciar a linguagem literária como ressignificadora da realidade através da criação de novas associações;
- reconhecer na literatura a liberdade do autor ao empregar a linguagem e a liberdade do leitor ao interpretá-la;
- estabelecer relações entre a literatura e as demais manifestações artísticas, como o cinema, a música, a dança, o teatro, as artes plásticas, ou os recursos multimodais contemporâneos.

Conhecer a literatura e seus instrumentos de análise é condição para refinar habilidades e formar leitores competentes, aprofundando a compreensão do que leem e investindo na construção de repertórios. É uma ação que investe na capacitação de leitores para a vida, já que podem aprender na escola que a leitura literária tem o potencial de auxiliar cada um a viver melhor.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

- » CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- » FILIPOUSKI, Ana Mariza & MARCHI, Diana. *A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura*. Erechim/RS: Edelbra, 2009.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: ed. 34, 1996, v. 1.
- JAUSS, Hans. *História da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.
- LIMA, Luiz Costa (trad. e sel.) *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- » REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
- » STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro, Difel, 2009.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.



REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

- « BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas*. São Paulo: Alfaguara, 2018.
- « BRAGA, Rubem. *Recado ao Sr. 903*. Portal da Crônica Brasileira. Disponível em: <http://bit.ly/3dDxz8x>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « CARPINEJAR, Fabrício. Blog do Carpinejar. *Blog*. O Globo. Disponível em: <http://glo.bo/3kmpXsn>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « CARPINEJAR, Fabrício. Carpinejar. *Blog*. Blogspot. Disponível em: <http://carpinejar.blogspot.com/>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « CARPINEJAR, Fabrício. O primeiro romântico. *Blog*. UOL. Disponível em: <https://bit.ly/3bvfeYB>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « CONY, Carlos Heitor. *Quase memória*. São Paulo: Nova Fronteira, 2014.
- « DIAFÉRIA, Lourenço. *Herói. Morto. Nós*. Folha 80 Anos. Disponível em: <http://bit.ly/3pNjMhY>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. *Recalcitrante*. Disponível em: <https://bit.ly/3qQ32rK>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « EIKHENBAUM, Boris. A teoria do método formal. In: OLIVEIRA TOLEDO, D. (Org.). *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Editora Globo, 1976, p. 3-38.
- « GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- « LISPECTOR, Clarice. *Medo da eternidade*. Portal da Crônica Brasileira. Disponível em: <http://bit.ly/3kmWezG>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « MORAES, Vinicius. *O exercício da crônica*. Vinicius de Moraes (*website*). Disponível em: <http://bit.ly/3aMOUdw>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- « REGO, José Lins do. *Menino de engenho*. Rio de Janeiro: Global, 2020.
- « SABINO, Fernando. *A última crônica*. Olimpíada de Língua Portuguesa. Disponível em: <http://bit.ly/3pF29B6>. Acesso em: 23 fev. 2021.

- « UNIVERSIA BR. *Professor: confira 9 sites úteis para seus alunos*. Disponível em: <<http://bit.ly/2ZJ4Oze>>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « VERISSIMO, Erico. *Solo de clarineta*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- « VERISSIMO, Luis Fernando. *O analista de Bagé*. Conto Brasileiro. Disponível em: <https://bit.ly/3usdO9O>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « YAHOO Respostas. *Alguem jah te falou q vc tem um parafuso solto?* Disponível em: <http://bit.ly/3kdmWdQ>. Acesso em: 13 jan. 2021.

FILMES

- « DONA CRISTINA PERDEU A MEMÓRIA. Direção: Ana Luiza Azevedo. Produção: Luciana Tomasi, Nora Goulart. Intérpretes: Lissy Brock, Pedro Tergolina. Roteiro: Ana Luiza Azevedo, Jorge Furtado, Rosângela Cortinhas. Porto Alegre: Casa de Cinema de Porto Alegre. 2002. 13 min. 35 mm. Color. Disponível em: <http://bit.ly/3dFTRGK>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « DONA CRISTINA PERDEU A MEMÓRIA. *Roteiro*. Casa de Cinema de Porto Alegre. Disponível em: <http://bit.ly/2ZJXD9L>. Acesso em: 23 fev. 2021.
- « ESCRITORES DA LIBERDADE. Direção: Richard LaGravanese. Produção: Danny DeVito, Michael Shamberg, Stacey Sher. Intérpretes: Hilary Swank, Patrick Dempsey, entre outros. Roteiro: Richard LaGravanese. EUA: Paramount Pictures. 2007. 124 min. Color.

MÚSICA

- « Rita Lee. *Minha vida*. Álbum: Aqui, Ali, em Qualquer Lugar. Deckdisk: 2001. Versão em português da canção *In my life*, lançada pelos Beatles em 1965 e composta por John Lennon e Paul McCartney. Disponível em: <https://bit.ly/3bq9mzG>. Acesso em: 23 fev. 2021.



BIBLIOGRAFIA COMENTADA

« CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Trata-se de um livro que pode dar suporte ao trabalho em sala de aula, sem ignorar a bagagem que o professor traz consigo. Não dá receitas, mas aponta para múltiplos caminhos e promove reflexão, questionamento, ampliação e enriquecimento sobre essa bagagem. Sua leitura instiga, provoca, seduz, constituindo-se em convite para uma conversa – uma troca – fluente e acolhedora. São marcantes, corajosas e desmistificadoras as afirmações de que nem todos serão leitores de literatura; os leitores de literatura constituem um grupo restrito; não há concomitância entre ser leitor de literatura e as profissões do magistério ou de atuação na área do livro.

CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. Os estudos e artigos aqui reunidos foram apresentados originalmente em 1988, no seminário sobre a crônica, realizado no auditório da Fundação Casa de Rui Barbosa. São retomadas aqui as principais linhas de discussão encaminhadas durante o encontro – a respeito das origens, fontes e traços característicos do gênero, de sua popularização e de suas transformações no Brasil do século XIX e das primeiras décadas do século XX, do seu meio habitual de veiculação, além de aproximações de outros gêneros, como a charge, a fotografia, entre outros.

CANDIDO, Antonio et al. *Personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. Texto básico para os estudantes de Letras, o primeiro livro da coleção Debates reúne ensaios de Antonio Candido, Anatol Rosenfeld, Décio de Almeida Prado e Paulo Emílio Salles Gomes, sob o título do curso que deu origem aos textos. Desde 1968, quando de seu aparecimento, a obra revela inesgotável atualidade de suas análises para o trabalho acadêmico e para a discussão crítica das modernas leituras estéticas não só no domínio da literatura, do teatro e do cinema, mas também em outros campos do saber, como a filosofia e a linguística.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011, p. 253-265. Exposição sobre o direito à literatura, vista em sentido amplo como necessidade social inevitável, que constitui um bem que a todos deve ser proporcionado. O autor defende o direito à literatura, baseado na ideia de que a fabulação é uma necessidade básica do ser humano e na convicção sobre o enriquecimento produzido em cada um pela leitura.

« CAPUANO, Amanda. Fabrício Carpinejar, o poeta que virou viral com versos em guardanapos. *Veja*, Caderno Cultura. 9 out. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/39vG17w>. Acesso em: 28 jan. 2021. O artigo revela como Carpinejar se estabeleceu como um autor pop, cujas frases reconfortantes dão alento a milhões nas redes sociais.

« CARPINEJAR, Fabrício. Fabrício Carpinejar. [Entrevista cedida a] José Castello. *Journal Rascunho*. Paiol Literário, Curitiba: Sesi Paraná e Fundação Cultural de Curitiba, mar. 2012. Disponível em: <http://bit.ly/2Mo91Fu>. Acesso em: 28 jan. 2021. No Teatro Paiol, em Curitiba, durante o bate-papo mediado pelo escritor e jornalista José Castello, Carpinejar fala sobre seu método de produção de crônicas e poesias e sua relação com os leitores – de seus muitos livros e *blogs* –, discorre acerca da canalhice masculina e opina sobre psicanálise, sexo, literatura, vida amorosa e familiar e muitos outros temas.

CARVALHO, Isabel C. M. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, v. 9, n. 19, p. 283-302, jul. 2003. Disponível em: <https://bit.ly/3dFZ8yc>. Acesso em: 28 jan. 2021. O artigo discute os recursos oferecidos pelos métodos biográficos na análise de trajetórias de vida, destacando as contribuições da hermenêutica, sobretudo a partir dos trabalhos de Paul Ricoeur (Tempo e Narrativa) e Gadamer (Verdade e Método), sobre as inter-relações entre as dimensões da experiência e a sua articulação simbólica nos autorrelatos, tomados como modalidades narrativas.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs). *Jornalismo e literatura: a sedução da palavra*. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2005. Coletânea de ensaios sobre a relação entre o jornalismo e a literatura. Os textos explicitam alianças, simbioses, diferenças, insídias, limites e propósitos possíveis relativamente aos dois tipos de narrativa.

CEIA, Carlos. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://bit.ly/3b-vYz7o>. Acesso em: 11 jan. 2021. O projeto reúne termos técnicos em uso nas teorias da literatura, na crítica literária, nos textos acadêmicos, nas bibliografias específicas dos estudos literários e culturais em língua portuguesa. As novas possibilidades multimídia e o desenvolvimento da hipertextualidade permitem conceber dicionários abertos, isto é, suscetíveis de permanente e personalizada atualização e capazes de suportar dados complementares de diferentes padrões, como nesse projeto. Com o recurso da internet, esse conhecimento enciclopédico inclui possibilidades de consulta livres e quase ilimitadas.

« CHUVA, Márcia (Org.). História e patrimônio: entre o risco e o traço, a trama. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 34. Dossiê: História e Patrimônio. Brasília, DF: IPHAN, 2012. Disponível em: <https://bit.ly/3usl0Sc>. Acesso em: 28 jan. 2021. O assunto deste número da revista é a História, disciplina que – desde os primórdios do IPHAN – acompanha suas práticas e a inerente construção de saberes que preservar o patrimônio produz em cada nação que se dispõe a enfrentar esse desafio.

COSSON, Rildo. A fronteira dos gêneros e os gêneros como fronteiras. *Traduzir-se*. v. 3, n. 4, p. 1-7, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3upDEv8>. Acesso em: 28 jan. 2021. Dada a proliferação e diversidade de textos da contemporaneidade, a noção de gênero literário parece ter deixado de ser uma categoria relevante para os estudos da literatura, passando a ser utilizada mais no campo da educação e da linguística aplicada. Todavia, para além da tripartição clássica constante em manuais de literatura, uma leitura das teorias de gênero mais recentes mostra que pensar os gêneros literários continua sendo essencial para se compreender a produção, a circulação e a fruição das obras literárias.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014. Este livro apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de círculos de leitura, orienta e oferece embasamento e sugestões de atividades para auxiliar tanto educadores na formação de leitores quanto os próprios leitores. Abarcando uma grande diversidade de interesses de leitura, o autor convida o leitor a formar o seu próprio círculo.

COSTA, Sérgio R. *Dicionário de gêneros textuais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. Combinando precisão analítica e comprometimento pedagógico, o dicionário é, ao mesmo tempo, um estudo sério e exaustivo de gêneros e um instrumento fundamental para o ensino. Na introdução, de forma clara, equilibrada e didática, esclarece conceitos e analisa classificações de gêneros; nos verbetes, registra quase 400 gêneros, caracterizados, exemplificados, incluindo desde os mais corriqueiros até os mais sofisticados, desde os mais “tradicionalistas” até os mais recentes e inovadores. Oferece aos professores uma obra de referência fundamental para a utilização competente de gêneros, tanto orais quanto escritos.

COUTINHO, Afrânio et al. *A literatura no Brasil*. v. 1. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986. Apresenta as questões centrais para o estudo da literatura brasileira: língua literária, folclore, literatura oral e literatura popular, a escola e a literatura, o escritor e o público, a literatura e o conhecimento da terra, formação e desenvolvimento da língua nacional brasileira etc.

- « GALZERANI, Maria Carolina B. Memória, História e Tempo: perspectivas teórico-metodológicas para a pesquisa em Ensino de História. *Cadernos do CEOM*, v. 21, n. 28, p. 15-32, 2008. Disponível em: <https://bit.ly/37EvOnV>. Acesso em: 23 fev. 2021. Neste artigo são apresentadas reflexões sobre o trabalho com memórias em um projeto desenvolvido no Museu Casa Guignard, em Ouro Preto (MG), com professores de educação básica, como parte de uma pesquisa de formação docente realizada pelo Programa de Pós-Graduação da Unicamp, de 2012 a 2016. Em diálogo com o filósofo Walter Benjamin,

destaca-se a relação entre os sujeitos da pesquisa, potencializada pelo desafio de lidar com as sensibilidades no trabalho científico.

- « GERMANO, I. M. P.; GABRIELE MOURA, M. C. A difusão das redes sociais digitais e as novas expressões do eu. *Revista de Psicologia*, v. 8, n. 2, p. 53-62, 24 out. 2017. Disponível em: <http://bit.ly/3aLuLEH>. Acesso em: 26 jan. 2021. As mudanças sociais e tecnológicas trazidas pela internet e pela difusão, cada vez mais abrangente, das redes sociais digitais inauguraram novos fenômenos narrativos, cujas proporções se irradiam e estabelecem novos padrões discursivos. O artigo traz uma análise das novas formas de narração de si na denominada Era Digital, apresentando o surgimento e a evolução dessas novas narrativas, e as situa no presente momento histórico, fortemente marcado por uma nova lógica de consumo, informação e comunicação.
- « GIL, Carmem; PEREIRA, Nilton. *Direito ao passado: memória, justiça e ensino de História*. Porto Alegre, 2015, 175 p. No prelo. O texto procura entender o ensino de História em perspectiva política e ética, como prática de escolarização que implica pensar os temas da justiça e do direito à memória. Propõe questões que se ocupam em produzir novos mundos possíveis, nos quais o respeito às diferenças e a sensibilidade em relação às lutas dos povos por justiça e direitos sejam considerados conteúdos de ensino.

GIL, Carmem Zeli Vargas; SEFFNER, Fernando. Dois monólogos não fazem um diálogo: jovens e ensino médio. *Educ. Real.*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 175-192, mar. 2016. Disponível em: <http://bit.ly/37ExrSz>. Acesso em: 23 fev. 2021. Pautado em alguns estudos de pesquisadores que têm produzido conhecimento sobre as conexões entre culturas juvenis e escola, o texto aponta diferentes contornos que ampliam a visão tradicional da juventude como tempo de problemas e dos jovens como indivíduos na contramão do sistema escolar. Ao mesmo tempo, propõe questões que ampliam o debate em torno do Ensino Médio para pensar temas relacionados às juventudes, compreendendo que os jovens possuem saberes gestados em diferentes espaços educativos, sujeitos a múltiplas pedagogias culturais, o que implica atenção em pensar conteúdos e métodos de ensino.

- « FILIPOUSKI, Ana Mariza; MARCHI, Diana. *A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura*. Erechim (RS): Edelbra, 2009. Esta obra oferece alternativas para a formação do leitor literário no Ensino Médio. Sugere projetos de trabalho que têm como foco o texto literário e apresentam temas e assuntos de interesse dos jovens, privilegiando aqueles representativos das culturas juvenis. As atividades constituem oportunidades de construção de aprendizagens significativas através do desenvolvimento de competências e habilidades

que dão importância à cultura letrada na contemporaneidade, preparando os alunos do Ensino Médio para uma atuação comprometida, responsável e criativa diante da vida social.

FRANCO JR, Arnaldo. Operadores de leitura da narrativa. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia (Orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009, p. 33-58. O capítulo “Operadores de Leitura da Narrativa” aponta como objetivo os conceitos fundamentais para o estudo, análise e interpretação de um texto narrativo com base nos estudos acadêmicos. Inicia-se com a definição do termo “movimentos” – e se pressupõe que há uma ordem para que as coisas aconteçam (introdução, desenvolvimento e conclusão, ainda que seja variável nos textos narrativos) – e aponta o conflito dramático como a especificidade da narrativa. A partir deste, apresenta duas formas de análise possíveis: a descritiva e a interpretativa.

GARCIA, Luis Eduardo Veloso. A crônica brasileira e a internet: o ontem e o hoje. *Trama*, [S.l.], v. 16, n. 38, p. 99-108, jun. 2020. Disponível em: <http://bit.ly/3sroCU9>. Acesso em: 25 jan. 2021. O artigo apresenta um quadro amplo sobre a crônica brasileira contemporânea através de sua recepção dentro da internet, nas três últimas décadas, que compreendem o período de popularização e confirmação dessa tecnologia comunicacional, tanto em seu “ontem” (os primórdios da *web* e o desenvolvimento de novas percepções entre os anos de 1990 e 2010) quanto o seu “hoje” (o olhar para o tempo presente e as possíveis alterações no decorrer dessas décadas).

KOCH, Ingedore G. Villaça; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. 16. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2004. Expõe a constituição dos sentidos nos textos e seus fatores: os elementos linguísticos, o conhecimento do mundo, as inferências e a situação. Apoiado em exemplos bem escolhidos, traduz em miúdos a complexa propriedade da coerência textual da língua portuguesa.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36. O autor define o tipo textual como “uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)”. Já o gênero textual é entendido como “uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica”. Os tipos de texto são classes, categorias de uma gramática (Linguística Textual) que busca classificá-los com base em suas características linguísticas e gramaticais (descrição, narração, dissertação/argumentação, exposição e injunção etc.).

- « MENDES, João Maria. *Introdução às intermedialidades*. Lisboa: Escola Superior de Teatro e Cinema, 2011. Disponível em: <http://bit.ly/3dLrWW5>. Acesso em: 26 jan. 2021. O texto discute o conceito de intermedialidade com o objetivo de contribuir para o enquadramento teórico-prático da reflexão. Visa a produzir um retrato da diversidade das práticas intermediais contemporâneas (no domínio das artes), retrato que induz efeitos nas *literacias* e pedagogias das suas áreas científicas – estudos artísticos, artes visuais e performativas em Portugal.
- « OLIVEIRA, Michelly; FERNANDES, Marla; CARVALHO, Rosana. O papel do idoso na sociedade capitalista contemporânea: uma tentativa de análise. *V Jornada Internacional de Políticas Públicas*. UFMA, São Luís, 2011, p. 1-7. Disponível em: <https://bit.ly/3bCUzCa>. Acesso em: 23 fev. 2021. Este artigo procura entender a realidade do idoso na contemporaneidade, bem como levantar seus possíveis papéis sociais, entendendo que essa etapa da vida humana é carregada de novas determinações. Apresenta o sistema capitalista como determinante da realidade socioeconômica de todos, especialmente do idoso. Aponta as políticas sociais estatais que vêm responder a essa expressão social e avalia como o idoso se insere no mercado, na família, na sociedade e como se sente em relação a si mesmo.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: RÖSING, Tânia M.K; ZILBERNAM, Regina (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: Global, 2009, p. 17-39. Considerando que a escrita acompanha a vida das pessoas do começo ao fim, as práticas sociais que articulam a leitura e a produção de textos em contextos diversificados são denominadas letramento. Entre esses contextos, a literatura ocupa uma posição privilegiada porque conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Por força dessa característica, o letramento literário requer da escola um tratamento diferenciado que enfatize a experiência da literatura. Uma forma de proporcionar tal experiência pode ser efetivada por meio de oficinas de leitura, que buscam desenvolver a competência leitora dos alunos por meio de estratégias específicas.

- « PEREIRA, Nilton Mullet et al. Ensinar história [entre]laçando futuros. *Rev. Bras. Educ.*, Rio de Janeiro, v. 25, 2020. Disponível em: <http://bit.ly/2NS9LD0>. Acesso em: 23 fev. 2021. O artigo analisa escritos em disciplinas de introdução a estágio/prática em um curso de licenciatura em História, problematizando tempo e temporalidade. Parte da premissa de que as questões urgentes do presente são condutoras de aprendizagens em História. Tal estratégia, decorrente da produção de planejamentos e de diários dos licenciandos, sustenta-se no tempo futuro como abertura ética da sala de aula em sua relação com o mundo.

- « RAGO, Margareth et al. (Orgs). *Narrar o passado, repensar a história*. 2. ed. Campinas, SP: UNICAMP/IFCH, 2014. Disponível em: <https://bit.ly/3qIN96u>. Acesso em: 28 jan. 2021. O livro reúne textos produzidos ao longo do curso de Teoria da História, oferecido no segundo semestre de 1998, no Programa de Pós-Graduação em História – UNICAMP, e nas discussões realizadas na Linha de Pesquisa “Gênero, subjetividades, cultura material e cartografia”. Textos segmentados em: História, Literatura e Narrativa; Política e Cultura; Religiosidade e Mitologia.
- « REIS, Carlos. *O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários*. 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. O livro trata de questões essenciais relativas a campos de conhecimento da literatura (de formas e seus condicionamentos socioculturais). É constituído de capítulos (cada qual seguido de ampla bibliografia) que abordam a literatura enquanto instituição, a problemática da linguagem literária, as relações entre o texto literário e a obra literária, a arquitextualidade do texto literário (incluindo a questão dos modos e gêneros literários), a poesia lírica, a narrativa literária, o texto dramático, a evolução literária e os períodos literários. Encerra a obra um apêndice que contém um conjunto de textos doutrinários, seguidos de orientações de leitura.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos (Org). *As cem melhores crônicas brasileiras*. São Paulo: Objetiva, 2007. Esta antologia reúne as crônicas essenciais e inesquecíveis da literatura brasileira, de autores como Rubem Braga, João Ubaldo Ribeiro, Humberto de Campos, Carlos Heitor Cony.

SARAIVA, Juracy; SCHEMES, Claudia; ARAUJO, Denise C. de. Memória e liminaridade entre discursos biográficos da história, do jornalismo e da literatura. *Cad. de Pesq. Interdisc. em Ciências Humanas*, Florianópolis, Santa Catarina. v. 12 n. 100, p. 126-158, 2011. Disponível em: <http://bit.ly/3pMlOz5>. Acesso em: 28 jan. 2021. O artigo enfatiza a importância da memória na constituição das identidades e visualiza sua manifestação em discursos biográficos da história, do jornalismo e da literatura. Por meio de uma análise interdisciplinar, expõe concepções que orientam a valorização da biografia nesses campos das Ciências Humanas e estabelece aproximações e distanciamentos entre eles, enfocando, particularmente, a relação entre ficção e realidade. A opção pelo biografismo justifica-se pela relevância que esse gênero textual assume na reconstrução de realidades e na preservação da memória e por provocar reflexões sobre os limites entre a narrativa histórica, jornalística e literária.

SILVA, Fernando José Ivo da. *Poesia em tempos de Twitter: uma leitura a partir da produção de Fabrício Carpinejar*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2015. Disponível em: <http://bit.ly/2ZIKAFI>. Acesso em: 11 jan. 2021. O trabalho investiga a

utilização da ferramenta *Twitter* no ambiente virtual, típica das tecnologias da informação e da comunicação, característicos da sociedade contemporânea, na produção e divulgação de textos literários, em especial o texto poético a partir do estudo da obra de Fabrício Carpinejar.

- « SILVA, Marcos Antônio (Org.). *História: que ensino é esse?* Campinas, SP: Papyrus, 2013. A proposta do livro é, a partir de relatos de memória, de práticas de ensino e de pesquisa, refletir a respeito da importância do ensino de História na atualidade, no estado de São Paulo.
- « SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. O livro discute, ao longo de nove capítulos, as diferentes dimensões do “eu” na internet, a partir das experiências de subjetividade nas quais as dimensões “íntimas” e “confessionais” são pensadas como “alterdirigidas” – construções de si orientadas para uma exposição que objetiva legitimar formas de ser e estar no mundo. Mostra um panorama crítico da fabricação da autoimagem no mundo virtual, onde se misturam um acirrado individualismo e rígidos disciplinamentos em um processo de visibilidade no qual as autoimagens parecem dizer: “Todo mundo é especial! Você é especial! Você é como todo mundo...”.

SIMÕES, André de Freitas. A evolução da crônica como gênero nacional. *Estação Literária*, v. 4, p. 49-61, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/37Et8qa>. Acesso em: 21 jan. 2021. Este artigo apresenta alguns dos aspectos que firmaram a crônica como um gênero de características próprias no Brasil, distanciando-se da acepção original do termo. Também analisa a perenidade que o gênero pode adquirir quando se destaca do meio original, a imprensa escrita, para ganhar força literária por meio do suporte livro.

- « SOUZA, Marciane de. *Ensino de História, memória e patrimônio: as (re)significações e percepções dos estudantes acerca dos territórios urbanos*. Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade Federal do Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História. Cuiabá, 2019. Disponível em: <https://bit.ly/2ZF7Cyg>. Acesso em: 29 jan. 2021. A pesquisa trata do ensino de História para além da sala de aula, se apropriando dos territórios urbanos como fontes históricas, pensando os estudantes como agentes históricos, atuantes na (des)construção da memória local, e conectando suas histórias de vida com os processos históricos relacionados ao seu lugar, às continuidades e rupturas e às suas (re)significações.
- « STALLONI, Yves. *Os gêneros literários*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001. A obra tem como objetivo fazer o leitor reconhecer o gênero de uma obra. Onde se originou essa noção de gênero? Que traços específicos permitem identificar

os três grandes gêneros tradicionais (o teatro, o romance, a poesia)? Quais são os outros gêneros ou subgêneros que diversificam e enriquecem essa primeira classificação? Como estabelecer rapidamente a diferença entre um ensaio e um romance, uma coletânea poética e uma peça de teatro, uma narrativa fantástica e um conto para crianças? A literatura, arte da linguagem, desde sempre tem experimentado a necessidade de agrupar diversas formas de discurso a partir de estruturas tipológicas. Além de fazer uma triagem em meio aos abundantes trabalhos suscitados pela noção de “gênero”, a obra extrai deles algumas definições e instrumentos capazes de ajudar e guiar o estudante em seu trabalho sobre os textos.

2021

Autoria: Ana Mariza Filipouski e Diana Marchi
Coordenação editorial: Camila Garcia Kieling
Projeto gráfico e diagramação: Laura Guidali Amaral
Revisão: Rosana Maron

**Este Material Digital do Professor é integrante de Um parafuso a mais:
Manual do Professor, ISBN 978-65-5750-027-9**

edelbra

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste material pode ser reproduzida ou copiada, por qualquer meio, sem a permissão por escrito da editora.

Edelbra
www.edelbra.com.br
Central de Atendimento:
51 2118 4404 | cae@edelbra.com.br